

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

GRISEZ, G. Germain: **El aborto. Mitos, realidades y argumentos.** Tradução do original inglês por Luis Bittini. (Col. Nueva Alianza, 47). 718 pp., 21 x 14 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

Germain Grisez, realiza uma obra de caráter ciclópico e monumental. Não poucos autores se atrevem a escrever brochuras, cujo excesso de páginas é inversamente proporcional ao conteúdo. Grisez, entretanto, nos propõe uma grande compilação, uma quase síntese de todos os aspectos da matéria, tão apaixonante como o aborto. Contribuição essa que deve estar em mãos de todos aqueles que enfrentam com seriedade a complexidade desse fenômeno.

Seu propósito é espelhado nas primeiras páginas de seu livro. Trata-se de uma grande equipe de acesores que se dedicou a esse estudo, desejando emprestar seus conhecimentos aquelas pessoas que necessitam de uma base criteriosa e objetiva para trabalhos de cunho interpretativos.

Germain narra os grandes desafios enfrentados na elaboração dessa obra. Encontrou uma dicotomia entre os fatos reais e a falsa plausibilidade das leis e pressupostos legais. Aqueles que legitimam os abortos se baseiam em critérios que não estão de acordo com os dados da realidade. Sem uma especulação objetiva, e com uma certa neutralidade — tanto quanto possível — é difícil empreender um trabalho e chegar a uma posição honesta. Grisez, ao iniciar o trabalho, tomou por hipótese concluir talvez que o aborto deveria ser um fato, ao qual a Igreja deveria reconsiderar suas opiniões. Termina seu estafante trabalho de investigação e pesquisa e chega à conclusão quase oposta.

Na primeira parte do livro, o autor propõe o começo da vida, a evolução gradual de um embrião. As características do feto. Focaliza as possibilidades de aborto nas diversas etapas de desenvolvimento. E, após essa análise minuciosa da biologia, o autor enfoca o aborto no seguinte capítulo numa perspectiva sociológica.

Do ponto de vista da sociologia, o autor baseia-se em pesquisas de fontes primárias e secundárias. Nos capítulos posteriores o autor focaliza o aborto a partir da Medicina, Teologia e por fim, sob o prisma legal. Discute os argumentos éticos a partir do confronto com a realidade.

Seu capítulo sétimo foi de enorme importância nas legislações dos nacionais: **"Normas para uma política pública acertada"**. É o próprio Germain que narra as modificações das legislações e o apoio de seus estudos nos tribunais supremos da Inglaterra, E.U.A., e França.

L. A. P.

ANDERSON, Ana Flora e Frei GORGULHO, Gilberto da Silva: *Evangelho de Marcos* (Col. Deus fala hoje, 2) 59 pp., 18 x 12,5 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1973.

Pequena introdução apresenta essa tradução do texto original, tradução que "pretende ser uma ajuda para aqueles que trabalham, principalmente Ministros da Palavra, na evangelização do Povo de Deus", tradução "ao mesmo tempo fiel ao original grego e também compreensível pelo povo".

Tentativa sem dúvida louvável, mas difícil, sobretudo no Brasil; compreende-se. A Sociedade Bíblica do Brasil (sociedade protestante) lançou em julho de 1973 "A Bíblia na linguagem de hoje", que recebeu aprovação por parte da Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, aos 10 de junho de 1973. Dom Mário Gurgel deu esclarecimentos e fez sérias restrições. Cf. Comunicado Mensal da CNBB, fevereiro de 1974, 113.

Os tradutores do *Evangelho de Marcos* continuam esperando sugestões para melhorar o texto.

Não é fácil ser fiel ao texto original e popular ao mesmo tempo. Como traduzir, por exemplo, Mc 2, 4 "krábatos"? Deparam-se-nos as traduções: leito, catre, enxerga, esteira (na nossa tradução). Confira-se o *Thesaurus Graecae Linguae* de H. Stephano, vol. IV, sub voce. Não estaria justificada a tradução de "esteira" para o termo krábatos.

O formato do "Evangelho de Marcos", médio; sua impressão nítida, bem espaçada; sua tradução simples, escorreita, nada vulgar ou trivial compensam o esforço dos tradutores. Auguramos se esgote rapidamente também esta segunda edição.

R. A. Br.

SÃO CIPRIANO: *A unidade da Igreja católica*. Introdução, tradução e notas por Carlos BERALDO, S. J. (Fontes da Catequese 8), 70 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1973.

Mais um volumezinho da coleção "Fontes Catequéticas" vem enriquecer a biblioteca do público brasileiro interessado em teologia. Desta vez, trata-se do opúsculo de São Cipriano de Cartago sobre a unidade da Igreja católica. A introdução de Carlos Beraldo está inteligentemente elaborada. O leitor é informado sobre o ambiente histórico e o mundo teológico de Cipriano, o que facilita a compreensão do texto, especialmente no que se refere aos problemas-chave da obra: a salvação dos cismáticos e hereges, o rebatismo e o primado do papa. Notas ao texto acrescentam as explicações necessárias. Um índice escriturístico e outro analítico tornam a obra ainda mais manuseável.

No prefácio, o tradutor escreve: "Naqueles tempos a consciência da unidade da Igreja tinha-se obliterado em alguns cristãos. Como crianças desgostadas com o coleguinha que lidera o jogo, afastam-se dele e formam um novo time, assim esses tais, por motivos que eles julgavam importantes ou sem motivo algum, só por gosto ou desgosto, apartavam-se da Igreja e formavam o seu grupinho. De cabeça bem erguida, pareciam lançar aos bispos o desafio: Estão vendo? Nós também batizamos, crismamos, rezamos Missa e damos comunhão... Cristo está também no meio de nós, não precisamos de Vocês..." (5). Essas palavras bastam para indicar a atualidade renovada da obra de Cipriano...

F. T.

KERTELGE, Karl: Carta a los romanos (Col. El Nuevo Testamento Y su mensaje, n.º 6). Tradução do original alemão por Claudio Gancho, 248 pp., 19,5 x 12 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1973.

Kertelge apresenta-nos o comentário para a leitura espiritual da carta aos Romanos. Vê em 1, 16s o enunciado central do assunto da carta: "Pois eu não me envergonho do Evangelho, uma vez que é poder de Deus para a salvação de todo que crê, ao judeu em primeiro lugar e depois ao grego. Porque nele se revela a justiça de Deus, que tem origem na fé e conduz à fé, conforme está escrito: O justo viverá da fé".

O autor divide o núcleo da carta em quatro partes.

I Parte. "No evangelho acontece a revelação da justiça de Deus" (1,18 - 4,25). Nessa primeira parte a carta desenvolve duas realidades:

1.º A pecaminosidade de todos os homens: "Com o evangelho descobre-se aos homens sua verdadeira situação: como humanidade pecadora incorreram na ira de Deus" (1,18 - 3,20) (p. 35), tanto os pagãos, como os judeus; numa palavra, "não há quem seja justo, nem sequer um só" (3, 10).

2.º A salvação pela fé em Cristo (cf. p. 70): "Mas com o Evangelho também se anuncia e oferece a todos os homens a salvação, como salvação que Deus possibilita e concede" (3,21 - 4,25) (p. 35), mediante a fé em Cristo.

II Parte. "Novo desenvolvimento da justificação" (5,1 - 8,39).

De acordo com Kertelge os capítulos 5 a 8 apresentam "novas consequências" (p. 97), ou "esclarecimentos" (p. 95), "novos pontos de vista" (p. 98) da realidade da justificação. A finalidade de uma série de realidades abordadas nestes capítulos, como: paz, graça, salvação, esperança, amor, espírito, reconciliação, salvação, vida, santificação, glória, filiação..., é a de "desenvolver o acontecimento da justificação como uma realidade que abraça e define o homem" (p. 97).

III Parte. "Israel" (9,1 - 11,36).

Nessa terceira parte desenvolve-se, sob um novo prisma, o do "destino de Israel" (p. 160), o tema já tratado do "anúncio da mensagem da justificação" (p. 160), "o evangelho para judeus e pagãos" (p. 161). São Paulo aborda: "a eleição de Israel" (9, 1-29); "culpa e inescusabilidade de Israel" (9,30 - 10,21); "fidelidade de Deus e suas promessas em favor de Israel" (11, 1-36).

IV Parte. "A conduta cristã" (12,1 - 15,13).

"A última parte da carta aos romanos, conhecida como parte parênética, expõe, mediante indicações concretas, as exigências que a justiça revelada por Deus apresenta aos crentes" (p. 202). O cerne dessas exortações, em íntima conexão com a justificação, está na vida de caridade, tanto no campo individual como comunitário.

A mensagem do Apóstolo Paulo aos Romanos, rica em suas diversas perspectivas, é ainda hoje de grande atualidade para a vida dos cristãos. Kertelge, com suas considerações, ajuda o leitor a penetrar, saborear e viver o evangelho do amor gratuito de Deus a todos os homens, amor que lhes é concedido pela fé em Jesus Cristo.

C. L. B.

SCHREINER, Josef: Forma y propósito del Nuevo Testamento. Introducción a su problemática. (Sección de Sagrada Escritura, vol. 129). Tradução do original alemão por H. E. Lator Ros 474 pp., 21,5 x 14 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1973.

Obra alentada, dirigida por J. Schreiner, contando com 15 colaboradores. Citamos alguns: Seldensticker, Ph.; Gnllka, J.; Brox, N.; Trilling, W.; Thüsing, W.; Pesch, R. A boa acolhida que teve "Palabra y mensaje del Antiguo Testamento" moveu a Editora e aos autores a elaborar e publicar obra análoga que servisse de INTRODUÇÃO ao Novo Testamento. Não se veja nela simples manual de iniciação, mas uma síntese de índole nova e particular, visando fazer o Novo Testamento dirigir-se ao homem como expressão válida da nova mensagem de salvação.

Abordam os autores a formação e a substância dos escritos neotestamentários, as forças e os elementos determinantes de sua estrutura. Destacam também a sua mensagem e os seus objetivos, a sua finalidade e as suas exigências. Sallentam os gêneros literários, os modos de dicção, o "Sitz im Leben". Deliberadamente imprimem na obra marcado acento teológico, para o leitor visualizar e aprofundar o mundo da fé do Novo Testamento.

Em vinte capítulos passam ante os nossos olhos a formação, os problemas, a mensagem dos 27 escritos do Novo Testamento, em estilo claro, mas denso. O que as pesquisas dos últimos tempos apuraram, encontram-no nessas páginas, quicá chocando — sem razão necessariamente — quem não esteja enfronhado na problemática que oferecem vários escritos neotestamentários.

Aconselha-se a obra a quem já esteja iniciado no estudo do Novo Testamento. Leitura atenta compensa pela nova luz que irradiam estas páginas.

R. A. Br.

BARBROCK, João José: O Pão da Vida. Preparação para a primeira eucaristia. 96 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1974.

O livrinho do Frei João José Barbrock quer ser uma ajuda na preparação à primeira eucaristia. O grande valor do livrinho é situar a Eucaristia numa visão da história salvífica que, começando na criação e passando pela aliança do Antigo Testamento, Davi e os profetas (lições 1 a 9), culmina em Cristo (lições 10 a 18), cuja ação é continuada no mistério da Igreja (lição 19) e dos sacramentos (lições 20 a 27). Após apresentar cada um dos sacramentos, o autor detém-se na penitência (lições 28 a 35) e na eucaristia (lições 36 a 48). Cada lição ocupa duas páginas e segue, em geral, o seguinte esquema: Uma introdução explica brevemente o tema. Sob o título "Lembremos", o autor acentua os aspectos principais da lição. Seguem-se algumas perguntas ("Responda") a serem respondidas pelas crianças em seus cadernos. Por fim, "Conversando com Deus (com Cristo, com Nossa Senhora)" sugere uma oração a ser composta pela criança no caderno, a ser pronunciada ou a ser cantada. O uso deste livrinho não exige que os alunos comprem material especial. Um catecismo qualquer e um caderno bastam. Sem dúvida, um instrumento valioso para vigários, catequistas, professores de religião e pais.

F. T.

HARGREAVES, John: Las parábolas evangélicas. Orientaciones para su mejor comprensión. Tradução do original inglês por José M. Aduriz, S. J. 206 pp., 21 x 15,5 cm, Editorial "Sal Terrae" Santander (Espanha), 1973.

A mensagem evangélica em sua simplicidade, riqueza e profundidade aparece de modo particular nas parábolas de Cristo. Daí as muitas obras que explicam as parábolas e o aparecimento de novas obras. Entre essas está a do John Hargreaves, publicada em Londres em 1969. Já no ano seguinte teve uma nova edição, da qual temos a tradução ao espanhol. O autor apresenta unicamente a explicação de 12 parábolas. Usa um método próprio, cuja explicação se encontra logo no começo do livro. Procede em três etapas: — reconstrução atualizada da parábola; — descobrir as circunstâncias em que Cristo a propôs e os ensinamentos que visava apresentar aos seus ouvintes e também a nós; — projetar a parábola sobre nossa própria vida. Aplicações práticas. No fim de cada parábola coloca notas explicativas e sugestões para um estudo mais aprofundado.

Além das explicações das 12 parábolas, apresenta três notas especiais:

- Interpretação das parábolas na Igreja primitiva;
- Parábolas e alegorias;
- As parábolas de Jesus e as nossas parábolas.

A obra presta-se muito bem para círculos bíblicos, pregação, catequese e meditações pessoais.

No fim da leitura da obra fica-se admirando a riqueza dos ensinamentos contidos nas parábolas e desejando que o autor publique mais um livro com a explicação das restantes parábolas.

C. S.

IGLESIAS Rivas, Manuel E., S. J.: "Entre Luzes e Sombras — Uma visão cristã da realidade", tradução do original espanhol pela Abadia N. Sr.^a das Graças, 144 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, S. Paulo, 1974.

O autor divide o livro em seis grandes capítulos: 1.º — O Homem (Tomando consciência de minha existência; Olhando em derredor; O homem não é totalmente homem; O diálogo através do sensível; Comunicação por sinais); 2.º — Deus (Procurado entre trevas; Silêncio e morte de Deus; Fatores que ocultam a Deus; Fatores que levam a Deus; Provas da existência de Deus; Sinais de Deus; O Deus revelado); 3.º — Cristo, Sacramento do Pai (Cristo como fenômeno histórico; Significado do fenômeno histórico de Cristo; Cristo como plenitude da Revelação; Pessoa e missão de Cristo; Cristologia da comunidade primitiva; Cristo salvador; Viver em Cristo, através de seu espírito); 4.º — A Igreja, sacramento de Cristo (Ascensão — Pentecostes; A Igreja, como sacramento: A Igreja, comunidade de homens; A Igreja, comunidade de fé; A Igreja, comunidade de serviço no amor; A Oração como diálogo com Deus; Comunidades de base); 5.º — O Reino de Deus (O Reinado ou Senhorio de Deus; A morte; A ressurreição; O céu; Realidades terrenas; O purgatório; O inferno); 6.º — O Mundo (Ambivalência do mundo; O pecado; Os sinais dos tempos; O fenômeno da secularização; Fé e atualização).

Apesar de fazer uma divisão um tanto esquemática, porém necessária a um desenvolvimento harmônico do trabalho, ele segue uma linha

de reflexão pessoal, isenta de esquematismos. Aborda o assunto num tom humano e familiar, que nos leva a tornar nosso o seu caminhar.

O que se percebe pela leitura da obra é que ela não visa convencer a ninguém. Não pretende converter-nos a seu partido e nem que adotemos sua legenda. E nisso, justamente, me parece estar toda a riqueza do livro. Iglesias apresenta com honestidade e sinceridade a sua visão da realidade.

O grande problema do homem é encontrar-se e localizar-se com acerto frente à realidade que o circunda. E todo o dinamismo interior de procura dessa localização e encontro lhe advém de seu ardente desejo de felicidade. Esse desejo por si só não vinga, ele deve ser alimentado, fortalecido pela crença de que a felicidade pode ser alcançada.

Ora, nada mais salutar ao nosso peregrinar diário, do que cruzarmos com alguém que, sem fanatismo e segundas intenções, mas com tranquilidade e de coração aberto, queira expor-nos a visão que faz da realidade. Visão essa que ele, enquanto homem comum e corrente, experimenta como sendo a verdade do seu próprio ser.

Ao lermos um trabalho desses, o importante não será conformar-nos ou adaptar-nos ao enfoque que ele sugere. Será deixar-nos confrontar com a verdade que o outro, explanando com retidão, apresenta como sendo o seu modo de enxergar a vida. Recomendamos.

G. N.

BULLETIN de la Société Française d'Études Mariales, 27 (1970). Le Saint-Esprit et Marie. III. Perspectives oecuméniques et conclusions doctrinales. 106 pp., 25 x 16 cm, P. Lethiellieux, Paris, 1972.

O livro apresenta 5 conferências do encontro de 30 teólogos em Friburgo, de 10-12 de setembro de 1970, tratando de tirar algumas conclusões sobre o tema: "Maria e o Espírito Santo", assunto já tratado nos dois encontros anteriores, de 1968 e 1969. As cinco conferências são:

1. "A Virgem concebeu do Espírito Santo". H. -M. Manteau-Bonamy O. P. estuda essa afirmação do Evangelho à luz do Vaticano II, que parece atribuir ao E. Santo algo mais que uma simples apropriação; pois na Encarnação do Verbo parece haver uma missão temporal do próprio E. Santo (LG. 59; AG. 4).

2. "O princípio: 'prius mente quam corpore...' na patrística e teologia latina". Conferência apresentada pelo Abade Pintard.

3. "Panagion et panagia": Todo Santo e toda Santa. Conferência apresentada pelo professor Paulo Evdokimov. O Espírito Santo confere a Maria a possibilidade de gerar o Cristo, pois o E. Santo participa no mistério eterno da geração do Verbo. Através de Maria, o Espírito Santo manifesta o amor do Pai.

4. O pastor Chavannes expõe como as profecias de Jeremias e Ezequiel sobre o coração novo, encontram em Maria seu pleno cumprimento, ao menos a partir do momento da Anunciação em que Maria representou todo o povo de Israel.

5. O P. Guillou estudou a relação que há entre "o Espírito Santo, Maria e a Igreja". Apresenta um aspeto novo do mistério da SS. Trindade.

As conferências são de especialistas no assunto, por isso é de interesse para os estudiosos da Mariologia.

C. S.

PROHASKA, Leopold: El proceso de la maduración en el hombre. Fundamentos de una pedagogia, tradução do original alemão por Eloy Requena, 304 pp., 21 x 14 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1973.

A obra pretende "oferecer ao educador a ajuda mais ampla possível nos problemas de pedagogia sexual" (p. 9). Mas não se limita ao que geralmente se entende por pedagogia sexual. "Parte do fato de que a maturidade sexual contém uma afirmação fundamental de toda a existência humana, um processo de longa duração" (p. 10). Por isso a obra aborda não apenas a faceta da sexualidade propriamente dita e na sua fase de maturação mais própria, i. é, a puberdade, mas procura focalizar vários aspectos: maturidade escolar, maturidade sexual, maturidade profissional, maturidade conjugal, maturidade da fé nas diferentes fases da vida. O processo de maturação não se restringe apenas a uma "evolução" das disposições e qualidades que a natureza dotou o indivíduo. Sem perder de vista o enfoque biológico, a perspectiva psicológica e a visão sociológica, procura superá-los, pois no centro da pessoa há exigências superiores. Forma parte do eu sua relação ao tu. E sua plenitude só se efetua na plenitude de graça e de salvação sobrenatural à qual todo o homem é chamado. A obra é dirigida por Leopold Prohascka, mas os artigos nela contidos são de vários autores. O Instituto Willmann (Munich-Viena) inclui essa obra na série de seus "Manuais de Pedagogia", donde se pode inferir sua utilidade para o leitor desejoso de aprofundar seus conhecimentos do ser humano como ser em crescimento, em busca da maturidade.

I. S.

WALTER, Eugen: A primeira epístola aos Coríntios (Col. Novo Testamento, Comentário e Mensagem, n.º 7), tradução do original alemão por Frei Edmundo Binder ofm., 334 pp., 18 x 13 cm, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

A Editora Vozes apresenta-nos a tradução do comentário de Eugen Walter para leitura espiritual da Primeira Epístola aos Coríntios.

A carta escrita em 55/56 por Paulo, no auge de sua atividade apostólica, manifesta o encontro entre a mensagem de Cristo com a civilização helenista (p. 7). Percebe-se neste escrito do apóstolo a vida de uma comunidade cristã nascente, com seus aspectos de pujança positiva, como também com seus desvios e tendências negativas. Paulo, "apóstolo de Jesus Cristo", frente a esses desvios dá orientações, firmes e práticas, relativas, p. ex.: aos partidarismos surgidos, a várias desordens morais presentes. Responde a consultas feitas em relação ao matrimônio-virgindade, ao reto uso da liberdade frente a costumes pagãos, à conduta a ser seguida nas funções litúrgicas. Aborda o importante tema dos carismas, ainda hoje de grande atualidade. Desenvolve amplamente a fé na nossa ressurreição e na de Cristo.

A realidade central-fundamental de toda carta e da vida cristã é Jesus Cristo. É ele que dá unidade à multiplicidade dos temas abordados, como à própria vida da comunidade.

O comentário simples e profundo de Walter à carta de S. Paulo, ajuda o leitor a penetrar e viver a palavra que Deus, ainda hoje, lhe dirige mediante esta carta.

C. L. B.

DE LUBAC, Henri: *A Igreja na crise atual*. Tradução do original francês por Adalton Gomes Ferreira, (Col. Teológica, n.º 10), 80 pp., 21 x 14 cm, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1972.

"A Igreja na crise Atual", um dos últimos livros de Henri De Lubac, é a expressão clara do choque e do desespero diante de uma Igreja "atraçoada" nos seus valores cristãos.

Um dos seus parágrafos iniciais nos dá uma impressão sumária do contexto desse livro — "Quando a gravidade da hora o exige, não será necessário talvez que o teólogo saiba suspender, por instantes, suas indagações históricas, seu trabalho de pesquisas pessoais para as quais, de resto, teria sempre o tempo de atribuir uma importância excessiva para recordar-se de que toda a sua existência teológica e toda a autoridade, que essa profissão pode dar-lhe, se baseiam no encargo que ele recebeu da Igreja, em vista da defesa e ilustração da Fé?"

A partir da própria expressão lingüística, De Lubac demonstra ser um homem rígido e amargurado. Talvez no avanço da idade, o medo, a insegurança, fê-lo retornar a uma postura tradicional. Certamente, para nós, consideraríamos não a "gravidade da hora", mas a "urgência do Kairós".

Quicá, De Lubac, não condenasse secretamente no seu coração os seus anos de juventude teológica. Lá, ele não prendia suas concepções na linha do Magistério comum. Ele forçava o caminhar da Igreja, na sua eclosão pentecostal e profética, que culminou no Concílio Vaticano II, e na América Latina em Medellín.

De Lubac, foi o que foi. Homem que envelheceu na Igreja, justamente porque deu o melhor de sua vida a ela. Esse livro ainda é o testemunho de amor pleno pela Igreja que amamos.

A contribuição deste livro é de crítica às posturas audaciosas dos jovens teólogos, contribuição das mais audazes, mas também das mais tradicionais. Contudo, dentro dele, a cada página, encontramos uma grande diferença do De Lubac de ontem. Mas uma coisa permanece, o mesmo De Lubac esfomeado, terrivelmente esfomeado pela Verdade.

L. A. P.

FRAGATA, Júlio: *Noções de Metodologia para a elaboração de um trabalho científico*, 136 pp., 20,5 x 15 cm, Livraria Tavares Martins, Porto (Portugal), 2. edição, 1973.

Que as "Noções de Metodologia" saiam agora em 2.ª edição, já é por si uma recomendação da obra. Concisão e clareza caracterizam as breves lições de cunho eminentemente prático. Depois dos dois capítulos iniciais, de caráter introdutório, o autor acampa passo a passo, em oito breves capítulos, a elaboração de um trabalho científico, desde a escolha do assunto até a publicação, aconselhando o principiante tanto sobre a atitude intelectual (observação, leitura, reflexão, crítica) como sobre a parte prática em todos os seus pormenores, inclusive a apresentação externa do trabalho. Os dois últimos capítulos têm, com relação aos anteriores, um caráter de apêndice: um orienta sobre a organização dos apontamentos pela classificação decimal universal, outro ensina a fazer recensões bibliográficas. Numa palavra: um livrinho sumamente útil para quem se inicia no trabalho científico.

F. T.

PONTIFÍCIO INSTITUTO BÍBLICO DE ROMA: Novo Testamento, 416 pp., 23,5 x 16,5 cm, Edições Paulinas São Paulo, 1969, 2.^a edição.

A primeira edição, da presente obra, foi lançada pelas Edições Paulinas, São Paulo, em 1967, como terceiro Volume da Bíblia Sagrada, com 510 pp., formato 30,5 x 22 cm, contendo ilustrações. Como se vê a segunda edição é mais manejável, não tanto de luxo e de estante, mais simples e de uso.

Os amantes da Bíblia ficam por certo penhorados para com as Edições Paulinas, com o empreendimento desta tradução da tradução italiana dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, de 1961. Diretor e Redator--chefe da tradução italiana foi o eminente biblista e professor insigne do P. Instituto Bíblico, Alberto Vaccari, a quem se devem a tradução e as notas de Lucas, Hebreus, Epístolas Católicas e Apocalipse. Michelangelo Tellina traduziu e comentou Mateus e Marcos. A tradução e as notas de João e Epístolas Paulinas são de Giovanni B. Re. Os Atos dos Apóstolos foram traduzidos e comentados por Tommaso Piatti.

Como as NOTAS ocupam em geral a metade de cada página, temos nelas quase um comentário do Novo Testamento, acrescentando que elas são, sobretudo as do Pe. Vaccari, de alto valor exegético. Abrem-nos para o mundo da fé e nos trazem mais luz para compreendermos e aceitarmos a mensagem de Cristo e de seus apóstolos.

R. A. Br.

PERANI, Cláudio, S. J., A Revisão de vida instrumento de evangelização, 206 pp., 21 x 14 cm, Ed. Loyola, S. Paulo, 1974.

O A. divide sua obra em duas partes. Na primeira expõe "A noção de Revisão de Vida". Inicia com os antecedentes históricos, que levam o autor a localizar o nascimento da revisão de vida no movimento da JOC. Descreve seus elementos essenciais, que podem ser resumidos no lema "ver, julgar e agir", e procura fundamentar teologicamente esse processo.

Na segunda parte da obra situa a "Revisão de Vida no quadro teológico do Vaticano II". Não se trata de um "ver, julgar e agir" qualquer, mas de um "ver, julgar e agir" à luz da fé. Procura o A. com esse método penetrar vários documentos, e sua realidade objetiva.

O A. frisa muito bem que "na situação atual, onde há uma "separação entre Igreja e mundo", onde há uma falta de "linguagem comum", corre a Igreja o risco de não entender o mundo e o mundo não compreender a mensagem da Igreja, com o risco de rejeitar a salvação. Dentro desse contexto "A Revisão de vida adquire o seu valor como instrumento de evangelização e uma pastoral que se inspire em seu método" (p. 196).

Ao ouvirem falar em revisão de vida, muitos são levados a pensar numa espécie de "exame de consciência" comunitário, que o grupo faz de si mesmo. O A. leva muito mais além a "Revisão de vida". Dá-lhe uma visão apostólica, abre os indivíduos para a tarefa do serviço ao outro.

Só podemos recomendar a obra para uma visão mais acertada do que seja realmente "Revisão de Vida", e para sua acertada aplicação, como método de crescimento para um autêntico apostolado.

I. S.

CARLONI, N. e CRESCENTE, M. J. C., *Oração ao ritmo da vida*, 78 pp., 21 x 14 cm, Ed. Loyola, S. Paulo, 1974.

"Oração ao ritmo da vida" são reflexões — subsídios que os autores do livrinho oferecem aos desejosos de encontrar uma ajuda para problemas, que muitos sentem ao tentarem rezar.

Parece-nos que teve sua origem nas perguntas um tanto angustiantes de fins de encontros espirituais, retiros. Nesses encontros as pessoas, os participantes haviam rezado. Mas terminado o encontro ficava uma pergunta: "Mas lá fora como vai ser?" O ritmo da vida fora do retiro, fora dum encontro espiritual, é diferente. Deve, porém, ser enfrentado com a mesma coragem. "Oração ao ritmo da vida" se divide em três partes. Na primeira os autores apresentam, brevemente, alguns pensamentos sobre o que é rezar, i. é, uma "escuta de Deus", uma "presença" de Deus, que exige uma "libertação interior".

Na segunda parte apresentam-nos a oração do Pai Nosso, seguindo o 2.º método de oração que S. Inácio sugere no seu livro dos Exercícios Espirituais.

Na terceira parte apresentam como sugestão de oração uma experiência de oração vivida por 16 adultos durante 3 meses, tendo como base o evangelho e João.

Pensamos que o livro oferece realmente subsídios que podem ajudar a quem deseja rezar ao ritmo da vida agitada de nossos dias.

I. S.

PENA, Roberto: *Eu sou vosso irmão. Livro da criança*, 64 pp., 22 x 15,5 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

PENA, Roberto: *Eu sou vosso irmão. Livro dos pais*, 48 pp., 22 x 15,5 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

PENA, Roberto: *Os Filhos de Deus. Livro da criança*, 72 pp., 22 x 15,5 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

Esta nota bibliográfica quer apresentar ao leitor três opúsculos catequéticos do Pe. Roberto Peña, S. J. "Eu sou vosso irmão" é uma explicação do Pai Nosso. De forma muito feliz, com textos simples, muito espaço para preencher, letras grandes, gravuras infantis, o autor vai levando a criança a compreender o Pai Nosso no contexto da vida moderna, com grande preocupação em formar mentalidade socialmente aberta, acentuando a responsabilidade do cristão em nosso mundo injusto. O "Livro dos pais" é uma ajuda para os pais ensinarem a seus filhos a Oração Dominical segundo o "Livro da Criança". Sugere reuniões de pais e torna-se, com isso, também um instrumento de educação dos próprios pais, tanto para que possam transmitir aos filhos o sentido do Pai Nosso como para que se conscientizem da responsabilidade social implicada naquela oração.

O opúsculo "Os Filhos de Deus" versa sobre os sacramentos e usa os mesmos meios gráficos e didáticos antes indicados. A grande originalidade está em introduzir as crianças primeiramente no mundo dos símbolos usados nos sacramentos (água, luz, óleo, cruz), para depois entrar no conteúdo dos mesmos e em suas consequências para a vida.

Os opúsculos catequéticos aqui comentados são de imenso valor e devem ser vivamente recomendados não só aos pais, mas também a catequistas e a padrinhos que tomam a sério suas responsabilidades.

F. T.

ALTANER, Berthold — STUIBER, Alfred: *Patrologia. Vida, obras e doutrinas dos Padres da Igreja*, tradução do original alemão pelas Monjas Beneditinas Santa Maria — São Paulo, 552 pp., 23,5 x 16 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

Cada disciplina possui obras-padrão, cujo nome é quase um mito. Em Teologia uma delas é o "Altaner", que as Edições Paulinas nos oferecem em tradução brasileira, à base da sétima edição alemã, inteiramente refundida por A. Stuiber.

"Altaner" é um manual de Patrologia que permite ao estudioso um primeiro conspecto da literatura teológica dos oito primeiros séculos do Cristianismo. Uma breve bibliografia para cada autor ou obra permite ulterior pesquisa mais aprofundada. O índice onomástico facilita o manuseio do livro, que é, fora de dúvida, obra de consulta obrigatória em toda biblioteca teológica.

Um manual como o "Altaner" precisa ser constantemente atualizado. A tradução brasileira baseia-se na sétima edição alemã, de 1966. Desde então já muito se escreveu e a obra necessitaria novos retoques que naturalmente não atingem o essencial. Para citar um exemplo: Altaner-Stuiber admite ainda o caráter autobiográfico da introdução ao "Diálogo com Trifão", de S. Justino Mártir (cf. 75s), o que deve ser posto em dúvida depois da análise acurada de N. Hyldahl em seu livro "Philosophie und Christentum. Eine Interpretation der Einleitung zum Dialog Justins", Copenhagen 1966. Stuiber não pôde usar essa obra, aparecida no mesmo ano da sétima edição do "Altaner". Segundo Hyldahl, o venerável ancião a quem Justino teria encontrado por acaso (em Éfeso?), é uma figura literária, um representante da "protofilosofia", da qual se originaram por desagregação as múltiplas escolas da filosofia grega. Por meio da figura do ancião, Justino quer levar ao absurdo tanto a filosofia grega como o judaísmo, para que o Cristianismo brilhe tanto mais como a única filosofia segura e verdadeira. Como ressurgimento da "protofilosofia", o Cristianismo torna superflua a filosofia helênica. Justino considera-se filósofo por ser cristão. (Sobre essa interpretação: cf. Hyldahl, p. 112-140).

F. T.

SCHUTZ, Ir. Rogério: *Que tua Páscoa permaneça para sempre*. Tradução do original francês de Atico Rubini, 110 pp., 19 x 11 cm, Edições Paulinas, S. Paulo, 1972.

Quem não conhece o autor desse livro? Irmão Rogério Schutz é o superior do Mosteiro protestante de Taizé, mosteiro esse que irradia espiritualidade para todo o mundo.

"Que tua Páscoa permaneça para sempre" é um diálogo que o Autor manteve com jovens, são as respostas às perguntas e colocações da juventude que busca aquele local de oração. Juntamente ao questionamento dos jovens, Ir. Rogério acrescenta, nessa obra, páginas de seu diário, procurando responder às inquietantes perguntas da juventude de hoje.

Tanto o diálogo com os jovens, como o diário do Ir. Rogério são uma fonte de ricos pensamentos e fecunda inspiração para um crescimento no Cristo e com os irmãos.

I. S.

DUNS ESCOTO, João: Pode-se provar a existência de Deus? Introdução, tradução e notas de Raimundo Vier (Coleção "Textos clássicos do pensamento humano" 1), 88 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972.

Abrindo a coleção "Textos clássicos do pensamento humano", a Editora Vozes oferece-nos a tradução de um texto de Duns Escoto sobre a demonstração da existência e unicidade de Deus. A escolha recaiu num trecho da "Ordinatio", livro I, distinção 2, parte 1, questões 1-2 e 3. A tradução é da pena de R. Vier, que numa breve introdução acentua a importância do pensamento de Duns Escoto no que diz respeito à Teologia Natural, esclarece as razões que o levaram a escolher as questões mencionadas da "Ordinatio", de preferência a outros textos escolásticos paralelos, e explica os princípios adotados na edição. Felicitamos a editora pela iniciativa, com votos de que a coleção prossiga.

F. T.

MOTTE, Antonin O. P. Un corazón y un alma hacia Dios. La comunidad Religiosa. Tradução do original francês por Gregorio de Pablos, S. J., Colección "Mundo Nuevo" 21. 218 pp., 19 x 12,5 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander, 1973.

A renovação da vida comunitária religiosa está em foco nos ensinamentos do Vaticano II e nos documentos emanados da Santa Sé depois do Concílio, como sejam: "Ecclesiae Sanctae", "Renovationis Causam", "Evangelica testificatio" e o "Rito para a profissão religiosa".

Desta renovação comunitária depende em grande parte a própria renovação da vida religiosa; daí a importância de uma orientação segura na renovação da vida comunitária. É o que nos fornece o P. Motte em seu livro. O título do livro lembra as palavras dos Atos dos Apóstolos 4, 32 "A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma". O autor acrescentou as palavras de Santo Agostinho: "In Deum" para Deus, indicando assim o caráter dinâmico da comunidade e sua finalidade, que é levar seus membros à comunhão filial com Deus, em preparação à comunhão perfeita nos céus. A obra é fruto de longos anos de experiência a serviço das comunidades religiosas, principalmente femininas.

Começa apresentando o ensinamento oficial da Igreja a esse respeito, tanto o do Vaticano II como o dos documentos emanados depois do Concílio. Passa depois a estudar o desígnio divino da comunhão fraterna, o amor fraterno, a mútua ajuda, a comunhão fraterna, terminando com um capítulo sobre o papel da superiora na comunidade religiosa.

O centro da obra encontra-se sem dúvida nos capítulos que tratam do amor fraterno e da comunhão fraterna. Nesse capítulo da comunhão fraterna há uma parte que trata das condições de êxito para uma vida comunitária, p. 129-164. É um parágrafo precioso, contendo ensinamentos de grande valor psicológico, teológico e prático. Seguindo essas normas se evitarão muitas desilusões nas experiências de vida comunitária, tanto em pequenas como em grandes comunidades.

Enfim, a obra é de alguém que entende do assunto e tem interesse pela renovação da vida comunitária religiosa.

C. S.

LEOPOLDO E SILVA, Dom Duarte: O clero e a Independência. Conferências patrióticas, 232 pp., 18 x 12 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

No centenário da Independência do Brasil, o então arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, para compensar o silêncio em que fora envolvida a colaboração do clero na formação da Pátria, elaborou uma série de conferências sobre o tema, fruto de suas pesquisas históricas e de seu zelo apostólico. Por ocasião do sesquicentenário da Independência, uma comissão especial houve por bem reeditá-las como contribuição às comemorações patrióticas. Um adendo do Mons. Paulo Florêncio da Silveira Camargo (171-218) complementa as conferências com novas informações históricas, que têm acentuadamente caráter fragmentário, o que o torna de desagradável leitura. O último capítulo do adendo reproduz o "elogio literário" do autor, pronunciado por Silveira Bueno (219-224) na noite do falecimento do arcebispo.

Uma comparação entre as circunstâncias da elaboração das conferências de D. Duarte com as de sua reedição dá ao livrinho um sabor especial. Em 1922, o então arcebispo de São Paulo tinha uma intenção apologética frente a acusações concretas. O clero não estivera ausente das lutas pela Independência, mas colaborara ativamente, conspirara, lutara. Fora, numa palavra, um elemento útil à Pátria. Essa figura do padre político desperta, pelo visto, as simpatias dos homens públicos da década de 20. D. Duarte precisava acentuar que o sacerdote de seu tempo continuava a ser patriota, mesmo que "recolhido — e ainda bem — ao piedoso remanso da sacristia" (166) já não participasse ativamente da luta política. Ao ideal das "chamadas batinas liberais" de outrora, D. Duarte contrapõe o "zelo do pastor vigilante" (ibid.) como não menos patriótico.

Ao apresentar a reedição da obra de seu antecessor, o atual arcebispo de São Paulo, Cardeal Paulo Evaristo Arns, põe entre as razões da reimpressão: "Para relembrar a todos os fiéis que a ação da Igreja se realiza em favor do homem brasileiro em sua realidade, e não se reduz à exposição teórica de princípios evangélicos" (5). "Para fazer justiça aos Padres, que, como cidadãos brasileiros, têm o direito e o dever de empenhar-se a fundo pelo desenvolvimento global de todos os Homens desta Terra" (6). Ironias da História...

F. T.

SCHNEIDER, Roque, S. J.: Feliz Páscoa, 94 pp., 19 x 11 cm, Edições Paulinas, S. Paulo, 1973.

O A. de "Feliz Páscoa", que as Edições Paulinas lançaram, já é conhecido em nosso meio. Nesse livrinho nos apresenta numa primeira parte vários pensamentos, girando em torno do mistério central do cristianismo: a Páscoa. Páscoa, que é vida, mas vem precedida do mistério que chamamos morte. Páscoa, que são alegrias de Tabor, mas que é premiado pelo Calvário. Páscoa que é dom de Cristo, mas que é, dado aos que morrem a si, como o grão de trigo. Páscoa que já é antecipação da glória.

Numa segunda parte o A. nos oferece várias paraliturgias mais apropriadas para o tempo da quaresma e pascal. A essa parte seguem-se alguns jogaes e poemas, sempre na perspectiva pascal. É mais uma fonte de enriquecimento espiritual.

I. S.

RAHM, Haroldo, S. J. e Lamego, M. J. R.: Para orar no Espírito, 88 pp., 21 x 14 cm, Ed. Loyola, S. Paulo, 1974.

"Para orar no Espírito" é "uma série de singelas fábulas que nos introduzem no mundo maravilhoso na contemplação de Deus".

Os autores nos oferecem, numa linguagem muito acessível, modelos de oração a Jesus, tomando como tema da oração "singelas fábulas". A nota dominante e que queremos ressaltar é que a oração brota do Espírito.

I. S.

GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario: Carta a mi hermana Concha, 52 pp., 21 x 21 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha) 1973.

A "Carta a mi hermana Concha" foi extraída da obra do autor "Elogio de la Encina" e publicada em apresentação artística com capa e fotografias de Luis de Horna. A "Carta" quer iluminar o sentido da vida religiosa contemplativa como forma de testemunho na Igreja e no mundo de hoje. O que logra alcançar com rara perícia, a ponto de colocar-se entre os grandes textos de espiritualidade de nosso século. Dirigindo-se a sua irmã, religiosa contemplativa, o autor desenvolve, com grande profundidade teológica e não menores dotes literários, o sentido permanente da vida religiosa monástica. A crise atual do ocidente concentra-se na pergunta: "não será o homem capaz de criar uma sociedade que não seja vítima das obras de suas mãos, de seus produtos, de suas máquinas, de suas organizações?... Haverias de incomodar-te, Concha, se te dissesse que com tua existência humilde e anelante, pobre e virginal tens um conteúdo muito mais revolucionário que todos os marxistas, e que, se o ocidente lê a Marcuse e visita Taizé, em última análise, é porque suspeita que, em linhas opostas, ambos mostram mais pistas de futuro que todos os tecnocratas?" A atualidade da vida contemplativa é mostrada a partir das "humilhações metafísicas" que os últimos séculos infligiram ao homem. É necessário que alguém dê testemunho do sentido da vida, para que o homem tenha "a força necessária para seguir crendo e o amor necessário para seguir esperando no homem". Essa força e essa esperança têm um nome: Deus que se revela em Cristo. Criticando formas concretas de vida contemplativa que não irradiam sua riqueza, o autor tem o respeito suficiente ao mistério da vida contemplativa para aconselhar uma vontade de reforma "com flexibilidade e atrevimento, com prontidão e sensatez", porque "nenhum meio é adequado ao fim de tua vida monástica...", já que "caminho para chegar a Deus inevitavelmente é só Deus mesmo..."

Impossível resumir em poucas linhas toda a riqueza desse texto que o recenseador só pode recomendar vivamente a todo cristão e que gostaria de ver na mão de todos os religiosos, para que leiam, releiam e meditem essa mensagem de espiritualidade tão viva, palpitante e profunda. E talvez muitos reencontrem na vida religiosa um sentido que já se lhes parece perder na névoa (ou talvez, mais plasticamente: na poluição de nossa atmosfera...).

F. T.

COSTA, Rovillo: "Psicologia da Fraternidade Religiosa", 64 pp., 21,5 x 15 cm, Ed. Sulina, Porto Alegre, 1973.

Quanto me foi possível apreender, Rovillo Costa, traz uma contribuição definitiva à Vida Religiosa. Percebo em seu esforço, a descoberta lúcida e radical: ou a vida religiosa redescobre o sentido da fraternidade — critério único para sua identidade — ou se lança ao vácuo consumista, sem condições de testemunho e serviço aos irmãos.

Esse livro é mais do que um programa de vida. Traz uma provocação pessoal e comunitária. Questiona e desafia a busca da eficiência da montagem de estruturas, carentes do Espírito.

É uma das palavras revolucionárias no que toca ao carisma da Vida Religiosa. Descobre a Vida de Fraternidade como superação do comunitarismo amorfo, despersonalizante e estereotipado, ao qual a Vida Religiosa se havia identificado através do tempo.

Rovillo acena para a destruição maciça de pessoas que se entregando e consigo suas forças e vida, seus esforços e sangue, terminaram sofrendo, tornando-se depauperadas e destruídas pela ausência de confronto e apoio da comunidade. Apresenta a vida Religiosa como capaz de levar seus seguidores a uma experiência de crescimento e amadurecimento humano. É na pluralidade de opiniões e objetivos, e na multiplicidade de pessoas que se dá um enriquecimento que se unifica radicalmente para o crescimento do todo.

Rovillo questiona a padronização, o nivelamento e a redução de pessoas e de liberdades a uma bitola de imposição. Contudo, esse autor não pode ser considerado um iconoclasta. Não é alguém que se perde na luta contra as estruturas novas ou velhas, mas intui que a *metanoia* deve revestir tudo, apoiada no amor fraterno.

Recomendaria estes estudos sobre a "Psicologia da Fraternidade Religiosa" a todas as comunidades. Seria de enorme enriquecimento, se nossas reuniões, tantas vezes vazias, buscassem refletir e responder às perguntas formuladas por Rovillo, após cada reflexão, de seu livrinho.

O nosso maior apoio a esse trabalho fabuloso que surge em nosso meio.

L. A. P.

FONSECA, Maria Elisa Baptista: *Viragem*, 64 pp., 19 x 12 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

O lançamento de uma poetisa não é coisa que aconteça todo o dia, nem aventura a que se lance qualquer editora. Edições Loyola ousaram fazê-lo, Maria Elisa Baptista Fonseca forneceu o material. Material de primeira que bem merece os elogios traçados no prefácio por Henriqueta Lisboa e nas orelhas por Hélcio Veiga Costa e Rulz de Gopegui (aos quais o livrinho também é dedicado).

As pp. 42 e 43 são, na opinião do recenseador, um exemplo típico da versatilidade poética de Maria Elisa, que sabe passar dos "Navios de brancas / velas aladas / desfraldadas" à "propulsão a jato nos motores / (o medo do telefone vermelho / o medo da greve, da guerra, da bomba total)". E nessa mudança de ambiente sabe transmitir-nos algo da beleza e dos temores de nosso mundo. Maria Elisa sabe evocar o passado nos retratos antigos da parede da sala ("Eram olhos cinzas e grandes / e me olhavam do fundo do retrato da parede", p. 51), sonhar com o futuro ("Meu filho jaz nas estrelas", p. 54), pressagiar dias vindouros ("Depois, / Muito depois / De nós", p. 33).

F. T.

SCHELKLE, Karl H. A Mãe do Salvador. (Coleção Teológica, n.º 11). Tradução do original alemão por Francisco Sale Luza. 92 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O livro não visa apresentar uma biografia da Virgem, mas unicamente o conteúdo teológico das verdades principais sobre a SS. Virgem, como figura privilegiada da História da Salvação. De sorte que o autor apresenta a Virgem no seu aspeto teológico bíblico, valorizando os ensinamentos do Magistério e dos SS. Padres. Resulta disso uma Mariologia dogmática, bíblica e existencial, rica em sua brevidade.

A verdade dogmática que procura defender com empenho é a virgindade de Maria, talvez pelos ataques em que se vê objeto em nossos dias, mesmo por parte de católicos.

Enfim "A Mãe do Salvador" de Schelkle é obra que se lê com facilidade, com agrado e por isso com proveito, por ser obra séria, equilibrada, rica em conteúdo e bem documentada.

C. S.

GUICHARD, Jean: Iglesia, Lucha de Clases y Estrategias Políticas, tradução do original francês por Alfonso Ortiz (Col. Agora), 150 pp., 23 x 15 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1973.

Sem pretender apresentar um discurso propriamente teológico, o autor procura refletir em torno de determinantes atuais desse discurso, mais precisamente: preocupa-se pela "situação política da fé".

Convencido de que a fé seria uma fé alienada e alienante e a teologia uma teologia mistificada e mistificante caso não se empenhasse em assumir a imagem do "mundo que passa", Jean Guichard, após ter esclarecido aos leitores sua opção ideológica, desenvolve seu pensamento em quatro etapas: Iniciando com uma reflexão geral sobre a relação entre política e fé ("Uma leitura política da fé"), enfoca, nos capítulos seguintes, a problemática específica da Igreja dentro do todo da luta de classes ("Igreja e luta de classes") e, a partir dessa discussão, estabelece uma reflexão sobre as "Práticas religiosas e estratégias políticas"; No último capítulo (4.º) o autor se coloca a questão da opção política.

Situação de classe, estratégia política e prática religiosa, isto é, maneira concreta de a Igreja viver sua fé, estão intimamente ligados, e é falso querer acobertar-se na vida da fé por uma pretensa capa de neutralidade.

Trata-se certamente de uma das melhores contribuições na discussão sobre as implicações políticas da fé, pois, além de ser uma reflexão consistente, está enriquecida por um quadro conceitual bem fundamentado e de fácil inteção.

JIF

BOUREAU, Daniel: El futuro del bautismo (Col. Controversia, 15), tradução do original francês por Maria Colom, 192 pp., 20 x 12 cm, Herder, Barcelona, 1973.

Hoje quase não há na Igreja questão de teologia ou de moral que não seja submetida a uma revisão e a um estudo no intuito de renová-la e restituir-lhe seu genuíno significado. É o caso do batismo, principalmente na sua forma como desde séculos é administrado às crianças.

Os ensinamentos do Vat. II sobre o acesso à fé, sobre a liberdade religiosa não podiam deixar de refletir-se numa questão tão grave como é o batismo das crianças e sua pertença à Igreja. Não é sem razão que se levanta a pergunta: É preciso continuar a batizar as crianças quando ainda não têm consciência do que acontece com elas? É preciso conferir o batismo a crianças cujos pais não dão garantia de que seus filhos posteriormente serão instruídos devidamente na fé e inseridas plenamente no seio da Igreja? É a comunidade dos fiéis que deve assumir a responsabilidade, o compromisso, de nutrir a fé que representativamente lhe é atribuída no ato do batismo? Tanto no seio da Igreja como fora dela, fazem-se ouvir hoje vozes de que se deve diferir o batismo até a idade em que as crianças mesmas possam assumir a responsabilidade desse ato, etc... Muita gente já não compreende nem aceita o que a Igreja sempre pensou fazer quando batizava as crianças.

Nesse estudo, o autor não pretende dar uma resposta direta às interrogações que se levantam; mas quer mostrar como hoje a comunidade pode significar o duplo conteúdo tradicional do sacramento do batismo: o dom divino e a iniciativa humana na obra da salvação... Esclarece e elucida também a questão do batismo das crianças e convida a um leal exame de consciência, sem contudo querer impor a sua opinião. O livro pode interessar a todos os que trabalham na pastoral ou se interessam pela teologia do batismo.

S. A.

RODRIGUES, Afonso, S. J. Maio conciliar e litúrgico, 152 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

O autêntico culto a SS. Virgem, com equilíbrio e conteúdo teológico, encontra-se na Sagrada Liturgia. A obra do P. Rodrigues, "Maio Conciliar e Litúrgico", vem favorecer e facilitar esse culto, porque põe à disposição dos encarregados da liturgia, uma obra rica em textos bíblicos, conciliares e orações inspiradas nesses mesmos textos. O livro é tanto mais recomendável agora que apareceu a exortação do Santo Padre sobre o culto a Maria e principalmente o culto litúrgico.

C. S.

HACIA UNA MISMA FE EUCARISTICA? (Col. Controversia 6), tradução do original francês por A. E. Lator Ros. 78 pp., 20 x 12 cm, Herder, Barcelona, 1973.

Esse livrinho traz os textos do Acordo interconfessional de Les Dombes sobre a Eucaristia; compõe-se de uma parte doutrinal e de uma parte pastoral. A primeira, a parte doutrinal, certamente a mais importante, aborda as dificuldades clássicas em torno da Eucaristia; sobre elas foi obtido um substancial acordo mediante os devidos esclarecimentos, que são indicados sem rodeios. — A segunda parte, de teor pastoral, tem origem diferente: nasceu de um esquema solicitado a alguns educadores, sacerdotes e pastores. Esse esquema foi depois discutido pelo grupo de Les Dombes, emendado e redigido numa linguagem mais simples e compreensiva.

Para maior clareza, o livrinho acrescenta um comentário a ambos os textos, em que são explicados a intenção fundamental, as circunstâncias e o método de trabalho em que foi redigido.

S. A.

DHOTEL, Jean-Claude: Quem és, Inácio de Loyola? Tradução do original francês, 128 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1974.

Éis uma obra que merece ser recomendada. O autor delinea o perfil de Inácio de Loyola, de um modo muito feliz, acentuando sua evolução espiritual e mostrando a consonância entre a vida de Inácio e sua obra fundamental, o Livro dos Exercícios. Os nove capítulos da obra estão estruturados do seguinte modo: Como uma espécie de prelúdio a cada capítulo, uma data marcante, explicada numa página em tipo miúdo. O capítulo propriamente dito começa com um texto dos Exercícios, seguindo-se o desenvolvimento do autor que procura sempre localizar a vida e obra de Inácio em sua época e dar especial ênfase à fisionomia espiritual do santo. No fim (103ss), a cronologia de S. Inácio, muito ampla e precedida de mapas, mostrando seus itinerários.

O autor não pretende fazer obra original, mas apresentar ao leitor moderno a personalidade fascinante do fundador dos jesuítas. Os autores em quem se inspira, são por si uma recomendação da obra. A lista (6-7) enumera os melhores conhecedores de S. Inácio, dos Exercícios, da espiritualidade inaciana, das origens da Companhia de Jesus.

Recomenda-se a obra especialmente a jovens e a quem se dedica à pastoral da juventude. Para eles foi escrita (cf. p. 7: membros das "Comunidades de Vida Cristã", antigas Congregações Marianas). O único senão é a capa de gosto duvidoso.

F. T.